



ESTADO, GENOCÍDIO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE CAPITAL

Daniel Santos Mota¹

José Rubens Mascarenhas de Almeida²

INTRODUÇÃO

Este resumo estendido é fruto das pesquisas levadas a cabo durante o Trabalho Monográfico Orientado no curso de História na UESB, que resultou em projeto de Mestrado aprovado no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade.

Durante a disciplina de História da América I (IV Semestre do Curso de Graduação), nos demos contas do genocídio perpetrado no processo de conquista da América e da participação, indispensável, dos Estados nacionais neste processo, especialmente os Estados português e espanhol.

O processo de conquista do Novo Mundo se relaciona com dois processos gerais na história, a acumulação primitiva de capital e o mercantilismo. Sendo que o processo de acumulação primitiva foi, segundo Marx (2013), o que permitiu séculos depois o desenvolvimento do modo de produção capitalista, e o mercantilismo também foi parte deste processo. Tal qual estes processos se constituíram em etapas históricas do desenvolvimento capitalista, o Estado absolutista fundado em fins da Idade Média também trazia consigo os embriões do moderno Estado burguês que irrompe da história no século XVIII. Portanto, para compreender o alcance histórico da conquista e do genocídio dos povos nativos do Novo Mundo e sua relação com a modernidade, é necessário relacioná-la à uma determinada forma estatal e uma determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas.

O genocídio causado no processo de conquista e colonização da América não tem precedentes na história, iniciado com a chegada de Colombo, quando cerca de 80 milhões de pessoas habitavam a América (TODOROV, 1982 p. 156), e teve como seu último

1 Licenciado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), mestrando no Programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), componente do Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes (GEILC). E-mail: danielsff@gmail.com

2 Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pesquisador do Museu Pedagógico/UESB e do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais – PUCSP. Bolsista da Capes, BEX 6825-14-1. E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br



grande pico de extermínio na conquista do Oeste dos EUA durante o século XIX, com uma população minúscula. Se pegarmos apenas o primeiro século, temos uma redução para menos de 10 milhões de habitantes nativos. O recorte temporal do resumo estendido é entre os séculos XVI e XVIII, e seu recorte espacial, a América Latina. Com isto definido, nos propomos a articular este genocídio com a gênese do Estado nação, a acumulação primitiva de capital, vejamos então como se deu a relação entre esses processos.

METODOLOGIA

Nosso estudo acerca da relação do genocídio da conquista da América com os Estados nação português e espanhol do início do século XVI é calcado no materialismo histórico e dialético enquanto referencial teórico. Partimos do pressuposto de que para alcançarmos a compreensão do nosso objeto é necessário investigá-lo em suas variadas determinações, de tal sorte, que ao estudarmos o processo de conquista da América temos sempre em vista as condições materiais, ideológicas e históricas dos povos envolvidos no processo e as ligações do fenômeno da conquista em relação aos acontecimentos gerais na Europa e no mundo daquele período.

Investigar tendo como referencial teórico o materialismo histórico e dialético, significa necessariamente que nosso ponto de partida é sempre as relações reais que os homens estabelecem entre si e com a natureza, não que acreditemos que os aspectos políticos e ideológicos sejam secundários, mas que eles têm como matriz a realidade material objetiva em que os homens vivem.

É necessário ressaltar que apesar de partirmos do materialismo histórico dialético enquanto pressuposto teórico, isso não nos impede, de forma alguma, de dialogar com autores de correntes diferentes de produção do conhecimento, e o fazemos constantemente. Utilizamos como fontes desde as produções dos homens envolvidos neste processo histórico como, Cristóvão Colombo (2005), Pero Vaz de Caminha (2015), Hernan Cortez (2008), o Frei Bartolomé de Las Casas (2008), e que nos dão os relatos de suas experiências acerca do processo.

Para além disso, trazemos também como fontes secundárias, produções historiográficas do quilate de Todorov (1978), Romano (1972), Coll (1986), León-Portilla (1991), Peregalli (1994), Maestri (1993), Sousa (2001), entre muitos outros. Estas fontes nos permitem compreender o processo de forma mais ampla, por trazerem relatos de



inúmeros documentos e até mesmo da tradição oral dos povos derrotados, elas são imprescindíveis como referencial histórico-empírico.

Do ponto de vista teórico-metodológico, que nos fornece os conceitos e categorias necessárias para articular as determinações que permitem a compreensão dos processos, temos Marx & Engels (2013), Marx (2012) e (2013), Kosik (1976), Falcon (1987), Cardoso (2004), Lukács (1967), Carvalho (2008), Gusmão (2013), etc..

A nossa investigação procede com uma rigorosa comparação das diferentes fontes, buscando encontrar as contradições em suas afirmações, como, por exemplo, fazemos com Las Casas (2008) e Cortez (2008), dois personagens históricos de lados opostos no processo do genocídio, o primeiro como defensor dos povos nativos da América e o segundo como arquiteto da destruição da Confederação Asteca, muito frequentemente encontramos uma convergência em suas narrativas, o que no caso desses personagens nos diz muito.

No que tange a análise do nosso objeto, temos sempre em vista a categoria da totalidade, que nos orienta a procurar as mediações possíveis no objeto em questão. Por exemplo, quando traçarmos um panorama histórico do contexto de conquista da América e da acumulação primitiva de capital, objetivaremos demonstrar as ligações entre esses fenômenos gerais e os fenômenos mais específicos, como a reconquista da Península Ibérica ou o genocídio dos povos americanos. Para nós, fundados em Lukács (1967, p. 240),

A categoria de totalidade significa [...], de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas.

Além disto, buscaremos analisar os fenômenos em suas variadas determinações, sejam elas econômicas, políticas, ideológicas, e as conexões que elas estabelecem entre si. De tal sorte, consideramos que o processo de conquista da América está inserido em um contexto maior que é a acumulação primitiva de capital, assim como esta está relacionada ao desenvolvimento histórico das forças produtivas da humanidade.

DISCUSSÃO E RESULTADOS



Em nossa pesquisa trazemos informações sobre a conjuntura do momento histórico deste processo, tentando explicar a gênese a natureza do Estado absolutista, a condição histórica dos homens que partiram para conquistar e colonizar o Novo Mundo, assim como a dos habitantes da América. Além disso trazemos dados sobre a queda demográfica da América, sobre os mecanismos da conquista e do genocídio.

O Estado absolutista ainda não é o moderno Estado burguês, nem mesmo corresponde ao Estado fragmentado e fraco do medievo. De acordo com Falcon (1987 p, 28) este Estado é fruto dos conflitos das classes sociais nestas sociedades, e dos conflitos entre a aristocracia e a burguesia comercial nascente e os servos. O Estado é, neste período, assim como na modernidade a imposição da “lei do mais forte” conforme Mészáros (2015) aponta, de tal sorte que sendo a aristocracia a classe mais poderosa deste período histórico, o seu maior representante, o monarca, é o principal responsável pelas ações do Estado.

O Estado é o responsável principal pela conquista, desta forma, pelo genocídio. É para a rainha Isabel que Colombo envia cartas sobre o Novo Mundo. Cortez relata à Carlos V em detalhes todas as atrocidades que cometeu na Conquista do México. Quando Las Casas (2008) escreve para tentar proteger os indígenas, é à coroa que ele recorre, porém, sem muito sucesso, haja vista que era através da intensa exploração dos povos indígenas que ela extraia enormes riquezas.

A sociedade europeia de fins do século XV vivia um momento de fortes mudanças, apesar da luta de alguns setores dominantes como a Igreja, para impedir que essas mudanças ocorressem, Todorov (1982, p. 50) elucida:

[...]os conquistadores espanhóis pertencem, historicamente, à época de transição entre uma Idade Média dominada pela religião e a época moderna, que coloca os bens materiais no topo de sua escala de valores. Também na prática a conquista terá estes dois aspectos essenciais: os cristãos vêm ao Novo Mundo imbuídos de religião, e levam, em troca, ouro e riquezas.

No período estudado, o valor dos bens materiais supera crescentemente o valor dos seres humanos, e isso fica manifesto na forma como os americanos são tratados, como seres descartáveis, cuja existência se justifica apenas como ferramenta de produção de riquezas para os conquistadores e colonos.



CONCLUSÃO

Todo o processo abordado neste trabalho é na verdade a raiz da sociedade moderna, quando começaram a ocorrer uma série de rupturas necessárias para a formação da sociedade capitalista, como a acumulação primitiva de capital que séculos depois, impulsionaria a revolução industrial, e consolidaria o domínio e a hegemonia europeia em todas as partes do mundo. Esta é uma história da qual somos todos originários, um processo que afetou todo o curso que a humanidade faria ao longo dos últimos cinco séculos, pois graças à expansão europeia, o modelo de sociedade capitalista ocidental influenciaria povos de todas as partes do mundo.

Palavras-chave: Genocídio. Acumulação primitiva de capital. Estado. Conquista da América.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao Rei D. Manuel**. São Paulo: Editora BestBolso, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **América pré-colombiana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

CARVALHO, Edimilson. **A produção dialética do conhecimento**. São Paulo: Xamã, 2008.

COLL, Josefina Oliva de. **A resistência indígena: do México à Patagônia, a história da luta dos índios contra os conquistadores**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

CORTEZ, Hernan. **A conquista do México. Coleção Descobertas**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FALCON, Francisco. **Mercantilismo e transição. Coleção Tudo é História**. São Paulo: Brasiliense, 1987



GUSMÃO, Ivanilde Morais de. **Para compreender o método dialético**: aplicação prática no pensamento marxiano. Recife: Imprima, 2013.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

LAS CASAS, Frei Bartolomé. **O Paraíso Destruído**: A Sangrenta história da Conquista da América. Porto Alegre: LP&M, 2008.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América Latina vista pelos índios**: relatos astecas, maias e incas. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LUKÁCS, Georgy. **Existencialismo ou marxismo?**. São Paulo: Senzala, 1967

MAESTRI, Mário. **Terra do Brasil**: a conquista lusitana e o genocídio tupinambá. São Paulo: Moderna, 1993

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

_____. **O Capital**: Crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**: reflexões acerca do Estado. São Paulo: Boitempo, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. Coleção Repensando a História Geral. São Paulo: Contexto, 1991

PEREGALLI, Enrique. **A América que os europeus encontraram**. São Paulo: Unicamp/Atual, 1994.

ROMANO, Ruggiero. **Mecanismos da conquista colonial**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de. **A conquista do Sertão da Ressaca**: Povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América – a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.